

1232
Bumba-Meu-Boi

O cronista diário quando não fala sobre as nuvens ou sobre sua bem amada costuma pegar o assunto do dia para escrever sobre ele. As vezes acontece, como está acontecendo hoje, que não há nuvens, todo o céu é uma só imensa e monótona névem cinzenta; e quando a minha bem amada, eu a sinto tão fria e tão distante como se o seu apartamento ficasse atrás dessa cortina de névoa.

Ah, cortina de ferro, como és frágil e fácil de varar em comparação com essa cortina de bruma da indiferença e do tédio!

Volto-me, assim, para os jornais — mas só dá Lacerda. Ontem nenhuma das comissões da Câmara se reuniu, a não ser a Comissão de Justiça, que se reuniu para discutir Lacerda. O Brasil está parado em torno de Lacerda. Ora, pois, escrevamos sobre Lacerda.

Mas aqui, exatamente aqui, está o cômico da situação. A importância do sr. Carlos Lacerda em todo esse assunto é completamente secundária. Todo o problema foi criado por uma denúncia gravíssima que ele fez. Essa denúncia despertou, ou acirrou, o ódio do governo.

Tôda a maquinária oficial — um ministro decrepito, um líder serelepe, a imprensa e o rádio oficiais — tudo ronca, gira, acusa, insulta, mói — em torno da maneira pela qual, foi feita a denúncia. Mas, a questão principal, a questão única, afinal de contas, é esta: a denúncia é falsa ou verdadeira?

E' para fugir a essa questão que se faz tôda a atoarda, que se grita e berra até rebentar os pulmões: Lacerda! Lacerda! Quebrar a Constituição na cabeça de Lacerda — eis a palavra de ordem.

Mas tudo isso é infantil, e não adianta. Passada a barulheira a questão voltará a aparecer tão nítida, tão dura, tão do mesmo tamanho como o Pão de Açúcar depois de um nevoeiro; a questão continuará ali, na entrada da barra, no princípio das coisas: a denúncia.

Trata-se de uma denúncia contra o sr. João Goulart e outros, que teriam recebido dinheiro de Perón para gastar na política interna do Brasil. Essa denúncia não nasceu aqui: nasceu na Argentina, onde foi publicada na imprensa. Sabe-se, com toda certeza, que há um processo sobre o assunto. O que há a fazer, portanto, é publicar esse processo para que todos vejam quem tem ou não tem razão, quem se vendeu a um ditador estrangeiro, quem deve ser processado e punido.

Há alguma maneira de fazer com que esse processo seja publicado? Há.

O próprio Itamarati diz qual é: que o presidente da República do Brasil se dirija ao presidente da República da Argentina pedindo-lhe que o faça.

Está com a palavra, portanto, o sr. Juscelino Kubitschek. Em suas mãos, exclusivamente em suas mãos, está a chave de toda a verdade. O sr. João Goulart ora se cala, onde rônca papo, ora diz uma coisa ora diz outra — mas o processo ele não quer ver nem de longe. Há, entretanto, alguma coisa mais importante que o sr. João Goulart: é a opinião pública reclamando o esclarecimento da verdade. Basta de sofismas, de golpes baixos, de discursos furiosos, lances da pantomima, manchetes violentas, inquéritos, adjetivos, palavrrório. Há um processo. Que venha o processo — que se tenha a coragem por uma vez, neste país, de mostrar a verdade ao povo. Vamos, presidente: mande esse seus ministros, líderes, consultôres e espaldetas parar com esa palhaçada, faça um gesto — e mostre ao povo, já cansado desse interminável «bumba-meu-boi», esta coisa prodigiosamente simples: a verdade.